

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00. Estrangeiro 80\$00

EDITORIAL

O tema não é novo pois além de aqui o trazermos à colação, ele faz parte do imaginário colectivo local, se não da totalidade dos habitantes, pelo menos de uma parte da população. Referimo-nos aos vasos de flores nas varandas ou frontarias das casas.

Apesar de já bastante deteriorado, o facies da terra apresenta ainda uma certa singularidade que é como quem diz uma certa agra-

ALINDAR FÃO

dabilidade. Se esse tom rusticamente urbano que a terra possui fosse complementado com floreiras nas paredes, o aspecto geral seria amplamente beneficiado e faria as delícias dos visitantes.

Frisámos acima que este desejo de aformosear a terra é uma aspiração colectiva que só espera por quem tome a iniciativa em mãos. Claro que tal iniciativa, à falta de uma comissão de moradores ou de prolongada, deverá pertencer à junta que terá de importar-se ainda com a caiação das casas — aquele largo da Praça está uma vergonha — com a limpeza do pinhal e o arranjo da praia.

Devemos convir que além das belezas naturais, Fão pouco mais tem que dar a quem nos visita. Devemos então reforçar o típico, o singular e imprimir mais beleza àquilo com que a natureza nos prendeu.

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

DR. ARMANDO DA COSTA FARIA

Já nos aconteceu por mais de uma vez estarmos no estrangeiro e se adregava encontrarmos um português, advinha sobre nós um certo conforto por toparmos um patricio, independentemente de ele ser do Algarve, do Alentejo ou das Beiras. Era um conterrâneo e isso bastava.

Analogicamente, quando nos encontramos no nosso país, mas longe da terra natal, se deparamos com alguém que seja ou viva lá «para os nossos lados», a tal alegria, um certo contentamento advem igualmente.

Isto acontece até numa sala de um consultório médico da cidade. Estão várias pessoas juntas que a princípio não se conhecem. Palavra puxa palavra, «donde é?», «de que sofre?» e naturalmente as pessoas ficam algo satisfeitas se um dos interlocutores se revela mais próximo dos nossos sítios. E logo as perguntas surgem: conhece fulano? O que faz cicrano? É habitual, normal e humano.

Pois desde há muito se firmou uma velha amizade entre o autor destas linhas e o perfil de hoje — dr. Armando da Costa Faria, da Póvoa de Varzim. Analizando a base deste relacionamento entendemos que ela radica no facto de pertencermos ambos ao mesmo cordão matrilial, isto se a dr.^a Natália Correia nos deixar usar tal termo. Com efeito o dr. Faria nasceu cá no burgo.

Já estamos a sentir alguém a inquietar-nos com a pergunta: e por ser amigo vai para o perfil? Nada disso. Armando Faria tem o perfil q.b. para o trazermos para a ribalta de «O Novo Fangueiro». É hoje um considerado e estimado cidadão poveiro. Foi presidente do Varzim e aguentou o barco por duas vezes, nos anos 62/63 e 66/67. Quando referimos que *aguentou o barco*, queremos significar que o manteve na 1.^a Divisão, o que requer ou grande capacidade financeira ou um bom relacionamento com pessoas dessa capacidade. Ora o prestígio e o bom senso de Armando Faria tornavam-no o *pivot* do movimento angariador de fundos para manter o Varzim primodivisionário. Lembra-nos que da 2.^a vez entrou no clube como um desejado, um salvador, como o homem que seria capaz de. Essa alta temperatura a que seu nome se elevou nas hostes varzinistas



guindou-o ao posto de Presidente do Conselho Varzinense, no qual ainda hoje se mantém.

Desempenhou as funções de presidente do Rotary Club da Póvoa, agremiação onde durante muitos anos foi considerado o *carregador do piano*, isto é, o serve para tudo, o topa a tudo, o faz tudo. Era preciso representar o Clube em tal terra? Lá ia o Armando Faria. Ia e vai ainda. Era necessário uma sede para as reuniões da Direcção? Logo cedia e ainda cede uma das suas casas. Era importante emitir um parecer, dar uma opinião, mandar fazer uma bandeira? Estava sempre e está ainda disponível para tudo quanto necessário. De tal modo se impôs no Clube, que os companheiros quiseram já propô-lo para Governador, o que só a sua obstinada recusa inviabilizou.

Como é que tendo nascido em Fão se passou há já longos anos para a Póvoa? Essa é a história que a seguir vamos contar. Seu pai, um velhote simpático que igualmente conhecemos e estimamos, Avelino da Costa Faria, apareceu no fim da primeira década em Fão a tomar conta da Farmácia Higiénica que existia no Largo da Praça, hoje ocupada pela Casa Solinho. Como a tivesse comprado, começou a pagar a renda ao proprietário do prédio que era o Comandante Regada, António José da Costa. Bem, o Regada tinha três filhas e talvez a relação inquilino/senhório fizesse aproximar o Avelino Faria da casa do Regada e com tanta in-

DR. ARMANDO DA COSTA FARIA

Continuado da página 1)

sistência que acabou por se apaixonar por uma das três jovens. Adelaide era o seu nome. O casamento foi o desfecho normal e dessa união nasceram dois filhos, o primeiro dos quais (8-11-1912) teve o nome de Armando. O seu baptizado realizou-se na vizinha freguesia de Fonteboa porque nessa altura uma parte do povo andava de candeias às avessas com o pároco de então, P.e Luiz Azevedo. Regada era um dos líderes do movimento anti-Azevedo e à semelhança de outros comparsas, levou o seu neto a receber as águas lustrais na pia baptismal de Fonteboa.

Em 1914 Avelino da Costa Faria vende a Farmácia Higiénica a Celestino Pires e transmuda-se para a Póvoa com a mulher e filho. Termina aqui a ligação de Armando Faria à terra que lhe serviu de berço? Qual quê, qual carapuça! O velho Regada era muito cioso das suas filhas e elas dele. Daí que as visitas fossem constantes, tantas quantas permitiam os meios de condução daquele tempo. Mas nas festas do ano como o Senhor de Fão, Semana Santa, Barca do Lago, aniversários de parentes e outras, a família do Avelino lá se deslocava da Póvoa até Fão para um convívio que foi perdurando ao longo dos anos. «Muitas e muitas vezes» — diz-nos Armando Faria — «viemos, eu e minha mãe, a pé de Fão para a Póvoa e da Póvoa para Fão. O meu pai ia de bicicleta». E as diligências do Avelino Carneiro? «Faziam o horário ao contrário, isto é, saíam de Fão e regressavam da Póvoa à noitinha. Ora nós saíamos da Póvoa de manhã e quando regressávamos era pela tarde».

Mas grandes períodos de tempo passou-os o neto do Regada em casa do avô. A sua memória espantosa recorda todas as maravilhosas vivências da meninice, quando Fão predominava no conjunto aldealeiro do concelho. Lembra-se perfeitamente da fundação dos Bombeiros Voluntários. O avô foi o 1.º Comandante e a sua casa (onde o Armando Gageiro tem a loja) era cedida para os vá-

rios exercícios de aprendizagem, orientados por um bombeiro que se deslocava da Póvoa. O neto do Comandante, um «puto» de 9 a 10 anos, era uma espécie de mascote ou cobaia dos bombeiros e quando havia necessidade de simular o salvamento das pessoas, os voluntários iam buscar o Armandito e com ele desciam na espia, pelas escadas ou enviavam-no pela manga de salvação.

Na Póvoa fez a primária e estudou até ao quinto ano. Para o 7.º teve que ir estudar para o Porto, hospedando-se juntamente com mais 18 pozeiros numa pensão da R. do Calvário. Era o número 69, o que dava até para fazer *blague*. Curiosamente encontravam-se alojados na mesma casa os nossos conterrâneos Abel Vinhas, a fazer o Magistério, e seu irmão



FORMATURA

Terminou o Curso do Magistério Primário, no passado dia 30 de Junho, em Viana do Castelo, a menina Ana Maria Faria Pinto e Silva.

Parabéns, Anita, e muitas felicidades para o futuro.

Alceu que frequentava igualmente o sétimo ano.

Depois veio o ingresso na Faculdade de Farmácia, o seu casamento, a vida militar, uma parte como oficial miliciano e outra nos quadros da G.N.R. Acabada a «guerra» foi para o Brasil, aliciado por seu primo e conterrâneo Avelino Carneiro, passando-se depois para o Uruguai onde trabalhou com outro parente, Octávio de Assunção.

À morte do pai, o velho Faria, regressa à Póvoa onde ainda permanece.

Aludimos atrás à sua espantosa memória. É capaz de reproduzir Fão há 70, 60 anos, com todas as minudências possíveis. Aliás é a ele que recorreremos quando falamos no Fão antigo. É o nosso «vademecum». Saborosas são as suas recordações sobre a festa da Barca do Lago. Sobre isso falaremos no próximo número.

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORAM NESTE NÚMERO

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Armindo Duarte
Florinda
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
José Ferreira Neves
Eng.º Téc.º Agrário
A. Ramos Assunção
Professor e alunos
do 11.º d Esc. Sec. Esposende
A. Neves Francisco

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 500\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através dos Correios será por conta do assinante.

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

- RECEITUÁRIO MÉDICO
- LENTES DE CONTACTO
- ÓCULOS DE SOL
- APARELHOS DE PRECISÃO

DE APÚLIA

JULHO — 88

DESARTRE MORTAL — Apúlia viveu no dia 23 de Junho último, um dia triste do seu historial, com a morte trágica, às primeiras horas desse dia, de três dos seus melhores filhos em desastre de viação, ocorrido à entrada do Porto. O carro em que seguiam os nossos conterrâneos, enfaixou-se num auto-carro, no cruzamento do Freixo, na estrada do aeroporto de Pedras Rubras, e as consequências foram horríveis. Três mortes e dois feridos com alguma gravidade. As vítimas, José Rodrigues da Vinha, sua esposa, Adelaide Rodrigues Correia, e António do Monte Francisco Cruz, seguiam juntamente com o casal — Manuel Fernandes Torres Júnior, Rosária Fernandes Fradique do Monte, para a estância termal da Curia. Estes últimos tiveram melhor sorte, pois apenas ficaram feridos.

Por dificuldades burocráticas, agendadas pelo feriado do dia de S. João, seguido de um sábado e um domingo, só vieram a ser se-

Pedreiras também é FÃO

A Rua Serpa Pinto, ou Rua das Pedreiras como é sobejamente conhecida, conheceu nestes últimos anos, um surto de crescimento do seu parque habitacional.

Poderia dizer-se que engordou de tal modo que rebentou pelas costuras e expandiu-se para fora dos seus limites, dando origem às novas ruas, Padre Chaves, Camareira, Cabinda, Angola, etc. Mas todos os habitantes destas novas ruas consideram-se pedreirenses e que ninguém lhes venha contestar esse direito. Também das Pedreiras é o Novo Bairro do Caldeirão. Urbanização moderna, com moradias belas, implantadas num local privilegiado.

Só que aí, eu faço o meu reparo. Quando da aprovação do loteamento do Caldeirão, no seu projecto constava uma zona verde, onde posteriormente seria implantado um parque infantil no qual as crianças poderiam brincar livremente sem correrem riscos de maior. Só que estas crianças nunca terão o seu parque.

As autoridades, reconhecendo a necessidade imperiosa da construção de uma escola nas Pedreiras e alegando dificuldades na aquisição do terreno para a sua construção, resolveram o problema da maneira mais fácil.

Trocaram o terreno que estava destinado para a zona verde por um outro para a construção da escola, autorizando ao mesmo tempo a divisão do primeiro em lotes para venda.

Não há dúvida de que as Pedreiras precisavam da sua escola, mas também não há dúvida que as crianças precisavam do seu parque.

Por isso penso que pagamos um preço demasiado alto para termos a nossa escola.

Poderia ter havido outra solução se existisse força de vontade para o fazer.

As Pedreiras mereciam mais atenção e mais respeito pelos seus habitantes.

JOSÉ RAMOS DA SILVA

pultadas, em Apúlia, no dia 28, com missa de corpo presente e grande acompanhamento até ao cemitério, não obstante esse dia ser de autêntico inverno.

Pêsames a todos os seus e paz às suas almas.

FALECIMENTO — Na sua casa do Lugar da Areia, faleceu no dia 21 do passado mês de Junho, depois de prolongada doença, a Senhora Laurentina de Sá Condesso, viúva, nascida em 17 de Novembro de 1900, pessoa também muito conhecida e estimada.

Para seus filhos, noras e netos, as nossas condolências.

FEIRAS — Com o verão, voltaram as feiras das quartas e com elas tudo o que de «bom» elas têm trazido para o comércio, limpeza e higiene locais. Claro, há ainda o problema agravado do trânsito, mas isso só importa a quem viaja por ali, e só viaja quem quer!...

As contrapartidas para a terra minimizam os custos que a população da zona da praia é obrigada a pagar?

A sério, uma feira quinzenal não chegaria?

O TRÂNSITO — Nos meses altos do verão o trânsito de e para Apúlia (praia), atinge proporções incomportáveis. A não ser disciplinado com entradas e saídas por vias com um só sentido, e se se continuar a permitir o estacionamento prolongado (género garagem) na Avenida da praia, vamos novamente assistir a engarrafamentos monstros, e com as arrelias e descontroles óbvios.

ESTACIONAMENTOS — Quem escreve estas linhas não sabe se será possível (na Apúlia tudo é permitido a quem vem de fora) proibir o estacionamento, de dia, na marginal frente à praia, no largo fronteiro do salva-vidas, e na rua do Cónego, da Senhora da Guia até aos moinhos de Cedovem. Com essas medidas tudo seria mais fácil para o trânsito e para os que nos visitam. Compreendemos que será difícil, mas como não há impossíveis... tem a palavra os legítimos representantes do povo apuliense.

O FUTEBOL LOCAL EM CRISE — É verdade. Um mal nunca vem só. Atrás de um, outro virá, enquanto a roda da fortuna não virar. O Grupo Desportivo de Apúlia, como se não fora pouco o ter descido de Divisão, debate-se ainda com uma grave crise direc-

tiva, que ameaça a sua sobrevivência. As assembleias gerais (e já se convocaram três) ficam desertas. Apenas os actuais dirigentes, e nem todos, comparecem. A quarta assembleia geral, e diz-se que a última, está marcada para o próximo dia 9, sábado, e corre também o risco das pretéritas. A situação é de desalento e de tristeza. Ocorre perguntar: onde está, afinal, o bairrismo dos homens de Apúlia? Já não há mais quem se queira sacrificar pelas coisas da terra? Se o clube acabar, a responsabilidade não é só dos que o serviram, neste ou nos outros anos. É de todos os apulienses. Mais ainda daqueles que nada fazendo, são os que mais criticam. Nos cafés, é muito fácil; todos são dirigentes. Mas na prática, em «seu sítio», ninguém tem vida, nem tempo...

ROTAÇÃO DE PODERES NO ROTARY CLUB DE ESPOSENDE

No dia 17 de Junho deu-se a transmissão de tarefas no Rotary de Esposende que o mesmo é dizer que o Conselho Director que serviu o Clube em 1987/88 cedeu a sua vez ao conselho Director de 1988/89. Curiosamente tanto o Presidente cessante como o entrante são fangueiros, respectivamente os nossos amigos dr. Alberto Vale e Francisco Domingues.

A cerimónia da rotação de poderes é sempre um acto festivo e por isso estiveram como convidados a Presidente da Câmara, o Arcipreste de Esposende e um representante dos Lions. Presentes ainda vimos representantes dos clubes rotários de Barcelos, clube padrinho, Ermesinde, Viana, Valença, Póvoa de Varzim, Matosinhos e Guimarães.

O presidente cessante historiou a vida do clube durante o ano da sua presidência. O novo responsável, João Francisco Sousa Domingues prometeu o melhor do seu esforço, para que o Rotary de Esposende prossiga a senda de úteis tarefas a bem da comunidade local. Falaram ainda vários oradores e Monsenhor Baptista de Sousa resumiu com uma frase a filosofia rotária que esteve aliás subjacente nas intervenções restantes: «Quem não vive para servir, não serve para viver».

NOVA GERÊNCIA



Calatrava

albergaria ★★★★★ R

Gasthaus ★★★★★
 Bed and Breakfast ★★★★★

Rua M. Fídza Júnior, 157 — Telef. 22011 - 27434 — Telex 33331 Latrav — 4900 VIANA DO CASTELO

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

EDITAL

LAURENTINA VELOSO FERNANDES TORRES LOSA FARIA, PROFESSORA DO ENSINO BÁSICO E PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE:

Torna público que, de acordo com a DELIBERAÇÃO DE 88.06.06, se encontram abertas, até ao dia 88.08.03, as inscrições para a venda, por sorteio, de 25 habitações unifamiliares do conjunto Habitacional dos Lírios, na vila de Fão, deste concelho, com as seguintes características e preços:

LOTE N.º	TIPOLOGIA	CARACTERÍSTICAS	PREÇO
1	T4	231 m2 de área de construção e logradouro	3.750.000\$00
2	T4	130 m2 de área de construção e logradouro	3.750.000\$00
3	T4	107 m2 de área de construção e logradouro	3.750.000\$00
4	T4	154 m2 de área de construção e logradouro	3.750.000\$00
7	T4	133 m2 de área de construção e logradouro	3.750.000\$00
8	T4	82 m2 de área de construção e logradouro	3.750.000\$00
9	T4	91 m2 de área de construção e logradouro	3.750.000\$00
10	T3	77 m2 de área de construção e logradouro	3.350.000\$00
11	T3	75,50 m2 de área de construção e logradouro	3.350.000\$00
12	T3	75,50 m2 de área de construção e logradouro	3.350.000\$00
13	T3	75,50 m2 de área de construção e logradouro	3.350.000\$00
14	T3	75,50 m2 de área de construção e logradouro	3.350.000\$00
15	T3	75,50 m2 de área de construção e logradouro	3.350.000\$00
16	T3	75,50 m2 de área de construção e logradouro	3.350.000\$00
17	T3	75,50 m2 de área de construção e logradouro	3.350.000\$00
18 Fracç. A	T3	101,66 m2 de área bruta e zona comum	3.350.000\$00
19	T4	83,50 m2 de área de construção e logradouro	3.750.000\$00
20	T4	82 m2 de área de construção e logradouro	3.750.000\$00
21	T4	82 m2 de área de construção e logradouro	3.750.000\$00
22	T4	82 m2 de área de construção e logradouro	3.750.000\$00
23	T4	82 m2 de área de construção e logradouro	3.750.000\$00
24	T4	83,50 m2 de área de construção e logradouro	3.750.000\$00
25	T4	84,50 m2 de área de construção e logradouro	3.750.000\$00

Poderão candidatar-se os cidadão residentes no concelho de Esposende, com preferência para os naturais da vila de Fão ou que nela trabalhem há mais de seis meses e que não possuam casa própria adequada à satisfação das necessidades do seu agregado familiar e cujos rendimentos do agregado familiar estejam entre os seguintes valores:

N.º de pessoas do agregado familiar	Rendimento máximo anual do agregado (1987)
3	1.543.000\$00
4	1.675.000\$00
5	1.807.000\$00
6	1.939.000\$00
7	IDEM
8	IDEM

(cont. na pág. 8)

APPLE e poluição do Rio Cávado

Oportuna intervenção de um deputado esposendense

O deputado pelo PSD Eng. António Ribeiro teve uma oportuna intervenção na Assembleia da República sobre a Área de Paisagem Protegida do Litoral de Esposende e Poluição no Rio Cávado. Foi a propósito da recente criação do seu Conselho Geral.

Congratulou-se com tal evento, «velha aspiração das populações locais».

Na verdade trata-se de «uma área pequena mas bastante importante e que é necessário preservar e tratar, mais quando a mesma era e é objecto de fortes pressões de degradação e cobiça por inúmeros loteadores que a todo o custo tentam implementar equipamentos que na maioria dos casos não passam de autênticos atentados ao urbanismo...»

Referindo-se ao Rio Cávado disse a certa altura: «Demonstração disto são as inúmeras manchas de matéria poluente visível muitas vezes na margem da vila de Fão». «O Rio Cávado que ainda há pouco era *um dos menos* poluídos. Não queremos que se transforme em *um dos mais*.

Esperamos que este enérgico alarme sobre a poluição do Rio Cávado ecoe efectivamente nos centros de decisão e que o APPLE cumpra a missão para que foi criado. E continue, caro Deputado.

Grupo Coral dos Congregados em Fão

O grande amigo deste jornal Fernando de Almeida, além de próspero e activo comerciante na cidade do Porto, além dos assíduos contactos de amizade que mantém, ainda dispõe de tempo para fazer parte do Grupo Coral dos Congregados, no Porto. Ele e sua dedicada esposa, a nossa colaboradora Florinda de Almeida.

Pois o amigo Fernando de Almeida arranhou processo de este ano o Grupo de que faz parte, no seu passeio anual (dia 25 de junho) passar por Fão.

Estiveram com efeito os componentes do Coral da Lapa na nossa terra e acompanharam com cânticos litúrgicos a missa que foi rezada no templo do Bom Jesus pelo Rev. Cônego António dos Santos, Prior da Lapa. Vozes harmoniosas e de bom timbre proporcionaram um espectáculo agradável.

No final da missa realizou-se um alegre magusto no pinhal que a todos deixou satisfeitos.

DISTINÇÃO

Os médicos *drs. Hercília Guimarães e Jorge Areias* fizeram recentemente exame de especialidade na Ordem dos Médicos. A *dr.ª Hercília, no Porto e o dr. Jorge, em Lisboa. Ambos foram aprovados por unanimidade e distinção.*

Os nossos parabéns ao operoso casal.

DOENTE

Após ter sido submetido a uma melindrosa operação já se encontra na sua casa em Fão o nosso prezado assinante *Edgar Mendanba.*

Desejamos um pronto restabelecimento.

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Cá estamos e desta vez com a notícia de que a vossa página conta, a partir de agora, com dois novos colaboradores: — a CELMIRA e o TONY, cujos poemas serão publicados em breve. Bemvidos à «Família»! Que venham mais!

PAUSA PARA SORRIR

Um rapaz pouco inteligente troçava de outro, bastante inteligente:

— As tuas orelhas são demasiadamente grandes para pessoa!

Responde o outro, muito calmo:

— Mas, em compensação, as tuas são demasiadamente pequenas para burro!

★

Um viajante tenta ler, no comboio, uma revista, mas o seu companheiro de lugar não está calado um minuto, impedindo-o de ler.

A certa altura, pergunta-lhe, para o obrigá-lo a responder:

— Em que estação estamos?

O outro, muito aborrecido, responde-lhe:

— No Outono.

★

Um homem embriagado, tendo dificuldades em se segurar em pé, suplica:

— Ajuda-me, meu São João, meu Santo António, meu São Teotónio, meu São Frutuoso!

Logo a seguir, cai. Levanta-se muito a custo, resmungando:

— Devagar! Não ajudem todos ao mesmo tempo!

★

Entre amigas:

— Porque desmanchaste o casamento?

— Porque o meu noivo viu a conta da minha modista.

— Só por isso?

— Só. Deixou-me e casou com a minha modista.

★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★

VERSOS DE AMOR

*Versos de amor
Feitos de silêncio
Na noite
Iluminada de lágrimas.*

*Versos de amor
De sonhos frustrado
De amor amargo
De amor impossível.*

*Versos de amor
Loucuras de jovens
Fantasia de jovens
De terna felicidade.*

*Versos de amor
Gotas de pensamento
De sonhos presentes
De amores ausentes.*

TUCHA

SEM NOME

Manifestações, discursos nas televisões
Nós somos os bons, eles os intrujões
No homem melhor
Há sempre um foco de ambição,
De sadismo, de vaidade
Os mais puros são
Os que não existem na verdade

Aos maus não lhes dêem censuras
Têm os seus ideais
Quer seja dinheiro, sexo, aventuras
Somos todos quase iguais

Porque? Porque o homem nasce assim
Luta por uma razão
Que defende intransigentemente
Por ela sente ambição,
Por ela morre, mata e mente.

NOTA — Este poema é dedicado a todas as pessoas honradas, peço desculpa se as ofendi com as expressões que utilizei (poderão ser um pouco exageradas) mas destinam-se a dar mais ênfase às minhas palavras. Espero que tenham gostado e que estas frases vos digam alguma coisa.

JOSÉ FERREIRA NEVES

VIAGEM À ILHA DO TESOURO

(Por ROSA MARIA COSTA)

(continuado do número anterior)

Era uma ilha em forma de anel onde desembarcamos numa pequena baía.

Passamos 2 dias acampados na praia onde tivemos possibilidades de explorar toda a área da ilha chegando à conclusão de que era completamente desabitada.

Depois de cerca de um mês de pesquisas lá encontramos o tesouro. Estávamos no dia 3 de Agosto de 1822. Havia duas palmeiras e uma pedra grande. Não havia dúvida era aquele o local assinalado no mapa. Começamos a escavar e 5 metros abaixo do solo encontramos o referido tesouro. Uma arca pequena. Abrimos imediatamente e qual não foi o nosso espanto quando deparámos com uma riqueza maravilhosa: ouro, diamantes, rubis, outras pedras preciosas, e pérolas. Quando vimos isto eu e o meu tio abraçámo-nos de alegria, porque conseguimos achar o tesouro.

Quando regressámos fomos recebidos apoteoticamente e condecorados pelo famoso geólogo John Charles William, por termos achado o tesouro escondido que não passava de um tesouro que pertencia a um museu de Buenos Aires que tinha sido roubado por um famoso ladrão de jóias, que depois se tinha transformado em pirata dos sete mares.

Agora o meu tio anda a remexer nos seus livros antigos, pois tem um montão deles na sua biblioteca, e está convencidíssimo que lá tem outro mapa do tesouro. Coitado! Como ele está iludido!...

NÉ

FIM

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE

GROUP:


FIGUEIREDO & MARIZ, LDA.
TELEF. (53) 961693/4 — TELEX 32474 LIATEX
APÓLIA — 4740 ESPOSENDE

MALHAS CEF, LDA.

(EXPORT DEPART.)
TELEF. (53) 962012 — TELEX 32859 IMPTUS
FONTE DE CIMA — BARQUEIROS
4750 BARCELOS

MALHAS RIDEL, LDA.

TELEF. (53) 962477 — TELEX 32859 IMPTUS
APÓLIA — 4740 ESPOSENDE
PORTUGAL

Impetus 

Alberto Figueiredo
Managing Director

Sanchos e Quixotes da nossa Praça

Passada uma semana, do seu regresso de Coimbra, já o Pissurinho havia montado o escritório para o trabalho da sua vida de advogado. Não tendo, todavia, ainda aparecido qualquer cliente, resolveu ir passear, para se recordar dos tempos em que fugia de casa para brincar com os amigos mais pobres. Curiosamente, encontrou um dos seus melhores amigos — o Quim da Franqueira, como lhe chamavam. A conversa demorou cerca de duas horas. Aí, o Pissurinho mostrou a sua estada em Coimbra, o quanto lhe custara deixar a sua casa abastada para ir morar noutra. Embora com todas as coisas necessárias, a relação com as outras pessoas era menos familiar que na sua. O Quim da Franqueira, por sua vez, contou-lhe a sua vida, desde a sua ausência até ao presente. Foi-lhe dizendo que estava apaixonado e que não era correspondido. A sua paixão era a «Meia-Libra», a filha do senhor Fagundes. Coutou-lhe também que quase todos sentiam, se não uma paixão por ela, pelo menos eram atraídos fortemente pela sua beleza e dotes espirituais. Afinal não era só ele, o Pissurinho, o atraído... O Quim contou-lhe ainda toda a história dela, do seu pai e do seu regresso a Portugal, após a falência do Banco do Amazonas.

Pissurinho, depois de todas as ilações possíveis, pediu ao amigo para lhe apresentar, pois era, possivelmente, uma sua vizinha que ele já há muito conhecia, mas que nunca lhe falara, apesar de ser a causa da sua saída do Seminário. O Quim,

examinando-o muito bem e olhando-o com uma atenção desmedida e desconfiada, levou-o à quinta do senhor Fagundes, onde ela passava as tardes, numa espécie de quiosque chinês, o único bem que ainda possuía. Aí, teve o primeiro encontro real com a «Meia-Libra». Foram apresentados um ao outro e, tanto ele como ela, ficaram encantados. Consumaram assim anos de desejo e olhares de soslaio. Marcaram um novo encontro. Quem não gostou nada disso foi o amigo Quim, que percebera logo que o Pissurinho vinha roubar a sua paixão.

Antes que chegasse o dia marcado, ambos não pensavam noutra coisa.

Durante esse tempo ele fora procurar para defender uma causa em tribunal contra o senhor Fagundes, pai da «Meia-Libra». O nosso advogado aceitou a causa, porque as exigências pareciam-lhe justas e era o primeiro pleito a defender.

Chegado o momento do encontro, ambos se prepararam fisionomicamente, para parecer o melhor possível. Ele, pela primeira vez na sua vida, sentiu-se envergonhado, sem saber o que fazer. Ela, por sua vez, não sabia o que lhe estava a acontecer, pois nunca tivera qualquer atracção por nenhum rapaz e, agora mesmo, sentia-se feliz e fortemente atraída. Cumprimentaram-se como se nunca se conhecessem com um simples, mas forte aperto-de-mão. Falaram dos problemas dos pais, do pleito judicial, da causa que ele recebera para defender contra o pai dela em tribunal... Tudo isto foi o suficiente para que entre os dois nascesse um grande amor e uma grande paixão.

No dia seguinte voltaram a encontrar-se mas, desta vez, a saudação inicial foi um grande e apaixonado beijo. «Meia-Libra» sentia-se agora muito feliz e deixara de ser aquela criança sozinha, calada e triste.

O senhor Fagundes questionava-se constantemente sobre o que teria mudado tanto a vida da sua querida filha, daquela criança que vivia acabrunhada e agora andava com muita alegria de viver. Mais tarde veio a sabê-lo pela sequência dos factos que se iam tornando, cada vez mais, património público, pois os «pombinhos» resolveram enfrentar todas as hipotéticas adversidades.

★★★★★★★★★★★★★★★★

FRATERNIDADE

Outeiros e campinas — mês de Abril.
A tudo a Primavera dá calor;
Surge nos corações um céu de anil,
E a hera do viçoso coração,
Subindo na parede da amizade,
Vai juncando de amor
A imensa humanidade,
Tornando todo o Mundo mais irmão.

DINIS VILARELHO

Tanto o senhor Fagundes como o visconde Salústio, assim se chamava o pai de «Meia-Libra», proibiram os filhos de se encontrarem, apesar da idade madura a que já tinham chegado. Pissurinho nunca gostara de dizer não ao pai e tentou convencê-lo do seu amor pela «Meia-Libra». O pai não aceitou nem já acreditava na força do amor, pois, para ele, duas pessoas poder-se-iam casar e ter uma enorme prole, sem se «amarem». O filho indignou-se deveras e resolveu provar ao pai e a todos os que não acreditavam no amor, que ele existe e, se for necessário, pode mudar o mundo. Ele, que era de constituição física débil e liliputiana, começou lentamente a diminuir a comida nas refeições.

PROFESSOR E ALUNOS
DO 11.º D ESC. SEC. ESPOSENDE

AUMENTE O SEU COLESTEROL!

Cá estamos de novo na louvável tarefa de ajudar o colesterol a dar a subidinha desejada. Vamos começar com os

OVOS MEXIDOS COM TOMATE

Tira-se a casca a tomates de tamanho médio, as pevides também, cortam-se aos bocados e põem-se numa frigideira com alho picado miudinho, sal e pimenta.

Leva-se a frigideira ao lume e deixa-se frigar até a polpa dos tomates estar desfeita.

Deitam-se então na frigideira ovos batidos [tantos quantos forem os tomates] e mexe-se tudo, até os ovos estarem passados mas não secos. Retira-se depois a frigideira do lume e continua a mexer-se um pouco. Serve-se a seguir.

E para a sobrenesa o

PUDIM DE LIMÃO

Açúcar — 400 gramas.

Ovos — 12 gemas; 5 claras.

Limão — sumo de 3 limões e raspa de um [limões não muito grandes].

Farinha de trigo — 1 colher de sopa.

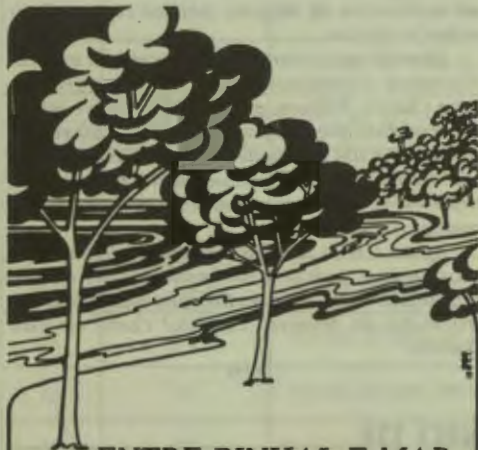
Bate-se o açúcar com as gemas. À parte, junta-se às 5 clara o sumo dos limões e a raspa do limão. junta-se a seguir às gemas.

A seguir, junta-se a farinha de trigo, mexe-se muito bem tudo para ligar e vai ao forno em forma bem untada com manteiga e pulverizada com farinha.

Oxalá lhes agrade. Bom apetite!

Um abraço da

TIA MARIQUINHAS.



ENTRE PINHAL E MAR, JUNTO AO RIO...

É na Costa Verde, em pleno coração do Minho, na orla do frondoso pinhal de Ofir e frente ao belo estuário do Rio Cávado, a escassos minutos a pé do extenso areal da praia de Ofir.

É nesta soberba paisagem, uma das mais belas do país, onde a fragrância dos pinheiros se une ao ar marítimo, impregnado de iodo, ambiente ideal para repousar e passear, que se ergue o



HOTEL DO PINHAL ☆☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE

TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857

(nova Gerência pelos proprietários)

Um hotel de 1.ª classe. Com quartos. Bar. Restaurantes com especialidades minhoas. Terraços. Jardins. Relvados. Piscinas. Tênis.

PRECISA-SE

Empregado de escritório a tempo inteiro e em exclusivo para HOTEL DO PINHAL - OFIR - FÃO

Entrada imediata. Todas as regalias próprias da Indústria Hoteleira, nomeadamente alimentação.

O Mundo em que vivemos

E VIVAM OS SANTINHOS!

O mês de Junho é, desde tempos imemoriais, aquele em que a alegria popular jorra e se derrama por tudo quanto é sítio, festejando os Santos da sua devoção.

Não há dinheiro para as compras do mês? A renda de casa está atrasada? Os miúdos «chumbaram»? O chefe está mais rabujento? — Nada importa. Nas noites de 12, 23 e 28 tudo esquece e só se pensa na folgança. É uma espécie de «anestesia» temporária para os problemas do dia a dia esse entusiasmo esfuziante que põe cantigas na boca dos foliões e faz soar sem descanso os martelinhos de plástico. O alho e a cidreira não faltam, o manjerico ou a alcachofra — conforme a localidade — também marcam presença.

As rusgas passam animadas, todos cantam, riem, atiram graças brejeiras, batem os martelinhos, os foguetes estalejam e deslumbram, toda a terra se enche de sons, de luz, de animação.

Todos os anos assim é. Poucas pessoas ficam em casa. As ruas ou ladeiras enchem-se de uma multidão alegre e viva que vai, em jeito de dança, pisando as pedras seculares, testemunhas silenciosas de um passado colectivo.

O S. JOÃO

Em anos anteriores havia uns arremedos de festa. Era ali no Largo da Fonte onde se acendia uma fogueira e se montava uma mesa de comes e bebes com música e bailação.

Agora, porém, foi a sério. Houve festa ri-ja nos dias 23 e 24 de Junho. A rua da Igreja foi vedada ao trânsito automóvel. Na esquina da casa do senhor Prior os Irmãos Matias montaram uma espécie de presépio ou cascata, muito promiscua, diga-se a verdade, onde se destacava S. João a baptizar Cristo. Na base da rampa, à direita levantou-se um coreto e muito perto erguia-se também uma tasca a preceito com fêveras, sardinhas, broa e vinho, muito vinho. Depois foi a festa com Zés Pereiras de Barcelinhos a percorrerem as ruas da vila e ainda o desfile das Marchas Populares do Ramalhão e da Areosa. Isto no primeiro dia, verificando-se ainda de noite a actuação dos conjuntos «Os Sementes» da Escola Secundária de Esposende e Fanum da vila de Fão. No final grande sessão de fogo de artifício.

Ao outro dia, portanto, 24 de Junho a festa continuou. À tarde houve missa solemne e Sermão em honra de S. João Baptista e à noite exibiram-se, frente à igreja, os ranchos «Grupo Infantil dos Sargaceiros de Apúlia», «As Moleirinhas» de Martinhas e «A Telheira» de Barqueiros. A encerrar actuou a banda «Cellis», de Barcelos.

Foi uma festa bem conseguida a que os fangueiros aderiram calorosamente. Era bom que começasse a ser uma tradição, mas tudo dependerá da vontade das pessoas. Este ano formou-se uma comissão que até trabalhou bem e merece os nossos aplausos. Já agora o nome dos comissionistas: Belmiro Viana. Dr.^a Olga Arantes e Ana Maria Pires da Silva e Ismênta Sá Pereira.

Mas este ano aconteceu algo de diferente: a ACADEMIA DE DANÇAS E CANTARES DO NORTE DE PORTUGAL resolveu ir festejar o S. João no CENTRO DE APOIO DA LIGA PORTUGUESA CONTRA O CANCRO, no Porto. Não faltou uma ceia de confraternização entre visitantes e visitados e, segundo o «Jornal de Notícias», «44 doentes viveram, graças à Liga e aos bailadores, alguns pela primeira vez, a solidariedade e a alegria do S. João, do Porto.»

Estamos em crer que, graças a este gesto fraternal da academia, os doentes viveram horas mágicas em que se sentiram menos doentes, em que um novo horizonte se rasgou nas suas vidas sombrias.

Pela nossa janela aberta entravam os risos, as cantigas, o som das «marteladas» dos grupos que passavam. Era como que sentir o pulsar do coração da velha cidade, rejuvenescida pela magia de uma noite de festa.

A essa mesma hora, os doentes da Liga estariam também eles rejuvenescidos a viverem o milagre, possível pela força de um sentimento fraterno.

Que bom seria se o exemplo frutificasse e, nos anos futuros, não ficasse nenhum estabelecimento hospitalar sem o «seu» Santo António, S. João ou S. Pedro! Assim, pelo mágico poder da solidariedade, se transmutaria a dor em esperança e os dias cinzentos se vestiriam de cor.

Subitamente, vários balões começaram a elevar-se no ar. Frágeis, incertos, tremeluziam e oscilavam, emprestando ao Céu escuro e baço o brilho das estrelas que não havia.

Então, de algum sítio recôndito da nossa memória, subiram-nos aos lábios as palavras de uma canção que foi êxito há muito tempo atrás:

Balão, balão,
Vai mais devagar
Tu levas no ar, a arder
A minha ilusão...

E. REAL

FALECIMENTO

No mês de maio faleceu na Rua das Pedreiras Artur Gomes Calafate que era assinante deste jornal desde a primeira hora. Artur Calafate viveu muitos anos no Brasil onde era exímio desenhista. Com o andar dos anos voltou para a terra, mas uma doença pertinaz impedia-o de sair de casa.

No dia 8 de Junho faleceu em Braga o nosso conterrâneo Manuel de Sousa Gaifem que nasceu na Rua Serpa Pinto. O seu corpo foi a enterrar no dia 9 no cemitério de Fão.

No dia 3 de Julho faleceu subitamente em Fão Maria Torres do Monte, de 51 anos de idade, moradora que foi na Rua Serpa Pinto. Era mais conhecida pela Maria da Rita. O seu falecimento foi uma grande manifestação de pesar.

As famílias enlutadas os nossos pésames.

Cartas ao DIRECTOR

No seu número 49, de 10 do corrente mês, publica «O Novo Fangueiro» a notícia que «a Corporação dos Bombeiros Voluntários acaba de ser beneficiada com um subsídio de dois mil e quinhentos contos que se destinam a participar na aquisição de mais uma ambulância». Embora não seja identificada a Corporação a que se refere, julgamos que seja a nossa o objecto daquela notícia. Se assim for, porque pode induzir em erro a população da nossa área de actuação, cumpre-nos elucidar V. Ex.a que a referida notícia não corresponde inteiramente à verdade.

É que não foi esta Benemérita Associação — e não a Corporação de Bombeiros — beneficiada com qualquer subsídio para a aquisição de mais uma ambulância, mas, pelo contrário, ela é que tem que participar com Esc. 500.000\$00, a pagar ao respectivo fornecedor, para que possa receber a ambulância que lhe vai ser distribuída pelo Serviço Nacional de Bombeiros.

Se, na altura da entrega, pudermos pagar aquela importância, receberemos a ambulância; se não tivermos possibilidades de pagá-la, será a ambulância destinada a outra associação qualquer.

Muito agradecendo a V. Ex.a que, no próximo número do Jornal do jornal que dirige, seja feita a devida rectificação, com os protestos da maior consideração e os melhores cumprimentos, subscrevemo-nos,

A Bem da Humanidade
Pel'A Direcção,

JOAQUIM HERNÂNI VINHA NOVAIS
1.º Secretário

★

Senhor Director,

Li no Editorial de 10/06/88 do jornal que V. Ex.a é mui digno Director a importância que me deu de construtor, quando apenas fui, isso sim, um modesto amador no arranjo de velhas casas em ruínas. Nada mais fiz para além de transformar os interesses dessas casas a meu gosto e dar ao exterior a imagem antiga.

Agora lá com o «Empurrão, precisa-se», isso vem a propósito se V. Ex.a quiser ter a amabilidade de fazer publicar estas linhas porque em boa verdade Fão precisa mesmo de arrancar com a tal Cooperativa dando assim oportunidade aos Fangueiros de mostrarem o quanto valem e o quanto querem à sua terra natal, pondo em prática o levantar de paredes em ruínas e a construção duma residencial com um indispensável salão para exposições e outros atractivos para a terra que tem óptimas condições naturais e bem merece que algo se faça para bem de todos os locais.

Quem está dispôsto a alinhar? Quem quiser pode fazê-lo escrevendo para o jornal, isto se o digníssimo Director estiver pelos ajustes...

JOSÉ DUARTE

Reparações urgentes

No Largo do Cais, mesmo em frente à casa do Antonino foram deslocadas algumas grandes pedras que fazem parte do cais, talvez devido às obras do saneamento. O trabalho fez-se, mas as pedras removidas não voltaram ao sítio. Para quem nos visita — e nós estamos na época dos visitantes — há uma nota de desmazelo que devia ser evitada.

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

(continuado da pág. 4)

Tipologia	Limite do rendimento mensal (mínimo)
T3	41.446\$00
T4	46.395\$00

As candidaturas deverão ser apresentadas em impresso próprio a fornecer pela Câmara Municipal e mediante o depósito de 60.000\$00 em dinheiro.

O concurso processar-se-á em conformidade com o programa, que poderá ser consultado na Junta de Freguesia de Fão, no sector de Expediente e Informação da Câmara Municipal de Esposende e no Boletim Informativo deste Município, recentemente publicado.

Esposende e Paços do Concelho, 4 de Julho de 1988.

A Presidente da Câmara,

Laurentina Veloso Fernandes Torres Losa de Faria

PONTOS DE VISTA

★ As casas do Bairro Habitacional dos Lírios — situadas nas traseiras do Hospital, vão ser vendidas, a pronto pagamento.

★ O concurso documental abriu no dia 4 de Julho e termina em 3 de Agosto.

★ Os emigrantes podem concorrer desde que sejam naturais de Fão ou do Concelho, se estiverem recenseados ou se a Junta de Freguesia atestar a sua residência no Concelho.

★ Os casais sem filhos, viúvas ou mães soleiras também podem concorrer. Só não podem os/as «acasalados/as». Há que moralizar!

★ Os naturais de Fão que não sendo emigrantes tenham residência fora de Fão, não estejam recenseados nesta localidade, estes são «proscritos». Não podem concorrer. a não ser que a Junta ateste que eles residem... numa localidade dentro do Concelho.

Não ha como tentar.

★ Só pode concorrer a «segunda» habitação aquele que tendo casa própria, diga que ela é in... adequada. Isto é... falta-lhe o «trono» ou o quarto para os... filhos.

★ Os limites do rendimento anual do agregado (máximo) excluem, à partida, os casais de funcionários públicos, bancários, quadros médios. a não ser que «encubram» os vencimentos. Mas um capitalista, um agricultor, um de profissão liberal, um trabalhador por conta própria, comerciante, por exemplo, isto é, alguém que não declara com «realismo» quanto auferir anualmente, esse pode candidatar-se.

★ Quem tiver cerca de 3.000 contos ou um rendimento mensal de cerca de quarenta mil escudos, pode ter quase a certeza de que se pode candidatar mas daí a ter uma casa nova ainda muitas leitvas terá de lavar e camarinhas de suar.

★ Tente. Não cruze os braços, se precisa de uma casa. Não deixe para amanhã. Vá já hoje. Olhe que o seu vizinho já lá foi.

★ Já se diz isto... aquilo... etc., etc. Olhe que não é verdade. Os homens estão protegidos...

★ As casas são boas e baratas! Puderá! Então o terreno não era do Futebol, Avellino, Fidós e companhia! Até nosso... jogámos lá tantas vezes à bola! E ninguém nos corria... logo... era terreno da malta!

★ Há um senão. A compra devia ser feita aos solos — tipo renda mensal. — facilitava a vida aos... pobres.

★ Vinte e cinco casas não dá. Não chega. O Presidente Viana vai ter de fechar os ouvidos ou ir de férias... lá isso vai.

★ Ele já é «padrinho»... mas vai conquistar o lugar de Santo e de Diabo.

★ Como o bairro não tem nome... aqui vai uma sugestão: «Bairro dos à...Cunhados».

★ Não se esqueça que o regulamento do concurso diz no número 21:

«Em tudo o omissio ou dúbio o Executivo Municipal decidirá irrevogavelmente e sem recurso». Está tudo dito. E bem claro.

JOAQUIM BARROS PEIXOTO

TECNICANTO

ESTUFAS E EQUIPAMENTOS
SISTEMAS DE REGA E AQUECIMENTO
SEMENTES E AGRO QUÍMICOS
ALPORQUES, BOLBOS E ESTACAS
MOTORES E ALFAIAS AGRÍCOLAS
PLÁSTICOS E PERSINTAS
TELAS E FIOS
MÁQUINAS PARA FLORES E OUTROS

DIRECÇÃO TÉCNICA:

ANTÓNIO MANUEL DA ROCHA LEBRE
eng^o téc^o agr^o

MORADA:

TELEFONE:

Rua do Sul (034) 32 12 91
Gafanha de Aquém
3830 ILHAVO

FUTURO

O futuro é quase dia
Que a bela aurora
Do presente anuncia.
Já o sol da certeza não demora,
Transportando nas asas da Ilusão
Um sonho perfumado que inebria
E desperta um cantar no coração.
Já se vêem no mar
Da vida em movimento,
As dua caravelas do olhar
Levadas pelo vento
Do natural desejo de avançar,
E as velas da esperança,
E os remos de vencer e de chegar
Ao cais futuro cheio de bonança.

DINIS DE VILARELHO

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- TESTES ELECTRÓNICOS
- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRÁULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MÁQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

REIMELI, LDA.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO
AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845

FOLHA AGRÍCOLA



CULTURA DA CENOURA

Pragas: As pragas que mais vulgarmente atacam as cenouras, são:

- A mosca da cenoura (*Psila rosae*)
- Aranhão vermelho
- Nemátodos.

Mosca da cenoura: É na forma larvar que os ataques deste insecto atingem maior intensidade e causam grandes prejuízos. As larvas alimentam-se à custa da raiz principal, começando pelo ápice, abrindo galérias penetram e caminham em progressão gradual

para cima. As folhas começam a murchar e as raízes sofrem intensa depreciação, pois ficam esburacadas com cavernas internas, por vezes bifurcadas e com a cor típica bastante alterada.

Os ataques são mais intensos quando esta cultura se faz em terrenos leves e secos. Quando se fazem sachas com o terreno seco há por assim dizer um estímulo ao aparecimento desta praga. Em face disso, é conveniente fazer uma rega abundante a seguir à sacha, pois deste modo contraria-se o aparecimento deste insecto.

Há autores que dizem que as estrumações tornam o meio mais propício para o aparecimento da mosca.

Como tratamento preventivo aconselhamos a desinfecção usando *Thiodan em emubrão ou em pó molhável*, podendo usar também o *Dyfonate ou o Dursban*.

Como tratamento curativo aconselhamos a utilização do *Thiodan em emubrão ou pó molhável* na fase inicial da vegetação e na fase final o *Decis*.

Aranhão vermelho: É outra praga que costuma atacar a cultura da cenoura não obstante ser bastante mais rara do que a mosca. O ataque de uma maneira geral verifica-se nas primeiras fases de desenvolvimento e nos períodos de calor mais intenso. As regas aplicadas com frequência são um bom auxiliar para ajudar a controlar esta praga.

Para o seu combate recomendamos a utilização de produtos à base de dicofol + tetradifão como por exemplo o *Acaricida Hoechst*.

Nemátodos: Os nemátodos são vermes de dimensões muito pequenas e quando atacam esta cultura podem causar graves prejuízos. Quando isso acontece provocam a murchidão da folhagem e deformações de diversos tipos nas raízes.

O método de combate mais eficaz é a de-

sinfeccção dos terrenos com nematocidas aplicados por meio de injeccões nos solos. Há diversos no mercado como por exemplo o *Mocap, Nema-cur, etc.*

Doenças: Há dois tipos principais de doenças que podem atacar esta cultura que são: de natureza fisiológica e as de origem criptogâmica.

As primeiras podem ter diversas causas como sejam, a repetição da mesma cultura durante anos consecutivos na mesma terra, os desequilíbrios hídricos (de humidade do solo), as deficiências de elementos minerais de nutrição e a própria presença de substâncias prejudiciais à cultura.

O tratamento mais eficaz deste tipo de doenças será a correcção do factor, ou dos factores que motivam a doença.

Entre as doenças criptogâmicas de ocorrência mais frequente, as mais conhecidas, são:

- a) Podridão da raiz (*Rhizoctonia Viola-cea Tul*)
- b) Míldio (*Plasmopora nívea*)
- c) Podridão da raiz (*Sclerotinia Sclerotiorum*)
- d) Bacteriose (*Bacterium carotovorum*)
- e) Vírose (*Yellow aster*)

a) **Podridão da raiz:** Esta doença caracteriza-se por uma pulverulência violácea sobre as raízes e causa o apodrecimento progressivo das mesmas. A rama amarelece e acaba por murchar e em seguida surge a morte das plantas.

Como meio de combate recomenda-se o arranque e a queima das plantas atacadas evitando a disseminação da doença por todo o campo. Nas áreas onde aparece esta doença não se deve fazer cenoura de novo senão decorridos pelo menos 4 anos. Esta doença poderá ser combatida com a utilização do *Derosal*.

b) **Míldio da cenoura:** Esta doença ataca a parte aérea das plantas, provocando nas folhas o desenvolvimento de manchas com coloração amarelada, que vão alastrando ao mesmo tempo que se recobrem de um bolor esbranquiçado e com consistência ave-ludada.

Tratamentos preventivos: Podem ser feitos utilizando produtos à base de cobre como o *Vitigran* ou de organo-cupricos como o *Vitanebe C*, podem usar-se também produtos à base de mancozebe como por exemplo o *Kor 80* ou o *Mancozan, etc.*

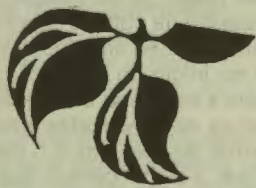
c) **Podridão da raiz:** Esta podridão é provocada pelo ataque do fundo *sclerotinia sclerotiorum (Lib) de Bary*.

Os sintomas mais evidentes são o enrugamento das raízes e o aparecimento à superfície da casca de um bolor esbranquiçado e na fase final as raízes acabam por apodrecer. Para se tentar o controle desta doença convém utilizar o *Derosal* e o *Previcur N*; aplicados preventivamente.

d) **Bacteriose:** Esta bacteriose é causada pela bactéria de nome *Bacterium carotovorum (L. R. Jones) Lehm et Neum*.

A doença inicia-se no interior das raízes e não à superfície, como sucede na provocada pelo ataque de fungos. Verifica-se a seguir o amolecimento e a liquefação dos tecidos internos, devido à sua progressiva destruição.

Logo que se verifique os sintomas de ata-



**BATATA SEMENTE
DE ALTA QUALIDADE!
PRODUZIDA NA HOLANDA!**

COOPERATIVA OBTECTORA DE VARIEDADES MUITO PRECOSES - PRECOSES
SEMI PRECOSES - SEMI TARDIAS E TARDIAS COM EXCELENTES
CARACTERÍSTICAS PARÁ PRIMORES. CONSUMO. EXPORTAÇÃO E INDÚSTRIA:

DESIREE - JAERLA - BARAKA - MONALISA - EDZINA

VARIEDADES EXPERIMENTADAS (- VERMELHAS: Asterix, Bartina,
(Cleopatra

EM PORTUGAL

(- AMARELAS: Berber, Concurrent,
(Frisia, Mansour, Obelix, Ukama,
(Van Gogh



DE ZPC: SOMOS A BATATA DE SEMENTE

Z.P.C. — PORTUGAL, LDA.
Apartado, 259
Telefone (034) 311912
3800 AVEIRO

(Continuado da pág. 9)

que desta bactéria, há que arrancar e destruir todas as plantas atacadas.

e) **Virose:** Esta virose que é causada pelo vírus conhecido por yellow aster é pouco vulgar no nosso país.

Este, ataca as raízes contrariando o desenvolvimento das plantas e provoca o apodrecimento progressivo, dando origem ao amarelecimento da parte aérea e por fim à morte das plantas. Não há de momento tratamento eficaz para este vírus.

Colheita: Logo que as raízes atinjam o tamanho e a coloração típicas das variedades, devem ser arrancadas. Não convém protelar excessivamente esta operação mesmo até em climas amenos e suaves, pois corre-se o risco das raízes se tornarem demasiado duras e fibrosas. A colheita de uma maneira geral deverá ter lugar 3 a 5 meses após a sementeira, conforme as variedades são mais precoces, ou de desenvolvimento mais lento. Normalmente as variedades de «meia estação» estão em condições de serem arrancadas cerca de 3 meses após a sementeira. A colheita pode ser feita por vários processos que duma maneira geral dependem das áreas de cultura.

Em áreas pequenas os horticultores utilizam as forquilhas em vez do sacho ou da enxada e antes fazem uma boa rega ao cenoural. Deve haver o máximo de cuidado para evitar ferir e danificar as raízes. Nos terrenos leves o arranque pode ser feito à mão a seguir a uma boa rega.

Para grandes áreas usam-se meios mecânicos como a *charrua de uma aiveca*, ou até *arrancadores próprios* que recolhem as raízes e colocam-nas em recipientes apropriados para o efeito.

Os rendimentos por hectare são diversos em função das variedades, dos terrenos, das adubações e dos tratamentos durante o ciclo vegetativo das plantas. Para variedades curtas andam por 15/20 tons/hectare, para variedades semi compridas rondam as 20/30 tons./hectare. Para variedades compridas — podem atingir as 30/40 tons./hectare.

Conservação: As cenouras podem ser conservadas durante muito tempo no estado fresco. Em diversos países europeus, os horticultores conservam as cenouras até ao

momento do consumo ou de comercialização amontoando as raízes sobre camadas de areia ou de terra bem seca, em locais abrigados, secos e à prova de geadas. Por vezes cobrem-se com folhas ou palha pondo-se por cima uma camada de terra.

Para que a conservação se dê em boas condições convém não haver humidade nos locais da armazenagem.

A conservação pode também fazer-se em armazéns ou em silos. Em armazéns, dispõem-se as raízes em camadas sobre areia seca, ou em tabuleiros ou grades de pequena altura para se evitar grandes pesos e deterioração das raízes.

Como é natural, há variedades de cenoura que permitem uma melhor conservação do que outras.

A cenoura pode ser conservada por via normal, por desidratação e por congelação.

Conservação normal: A conservação normal de raízes inteiras ou cortadas depende também das variedades. Aproveito para referir a *Chantenay* que tem bom poder de conservação, pois tem raízes lisas e não tem grande diferenciação na polpa (coração) que praticamente não tem. Há outras variedades também com boas características como a *Danvers* e a *Imperator*, sendo estas últimas praticamente desconhecidas dos nossos horticultores.

Desidratação: Já é bastante utilizada em vários países. No nosso só há relativamente pouco tempo começou a merecer atenção. A variedade *Nantes* é entre as conhecidas dos nossos horticultores, a que se tem revelado com melhores qualidades para este processo.

Congelação: É um método que começou a ser aplicado com bons resultados não só em produtos hortícolas como também nas frutas.

Das variedades de cenoura cultivadas no nosso país a *Royal Chantenay* e a *Nantes*, em especial as estirpes Red Cored Chantenay e Royal Chantenay tem revelado, bem como a Touchon boas qualidades para a conservação pelo frio.

Comercialização: Os consumidores dão preferência a raízes de dimensão uniforme, de regular conformação, sem o colo verde, limpas e lisas. A seguir à colheita elimina-se a parte aérea que deve ser cortada cerca de 1,5 a 2 cms acima da raiz.

Depois faz-se a lavagem e a eliminação das cenouras com golpes, má conformação e gretadas. A seguir agrupam-se conforme o tamanho, e acondiciona-se em caixas, bem limpas ou em sacos de polietileno. Deste mo-

estrela
adubo
FÁBRICA DE ADUBOS ORGÂNICOS, LDA
ADUBO CORRECTIVO ORGANOQUÍMICO

Composição:		Phosph. inorgânico	20	0	30
Nitrogênio (N %)	20	0	30		
Matéria orgânica (M %)	20	0	30		
Acidez total (a %)	2	0	5		
Fósforo P ₂ O ₅ (P %)	2	0	5		
Potássio K ₂ O (K %)	15	0	20		
Carbono (C %)	20	0	30		
pH	6	0	7		
C 78 - 17 x 25					

ESTAMOS DESENVOLVENDO
A MINHOCULTURA
CONSULTE-NOS
Est. Nac. N.º 2 MUNA - LORDOSA
Telex 53386 Adubos P
Tel.: (032) 91282 - 91283
Apart. 48 Viziato 3500 VISEU

50kg KILOS

do consegue-se uma melhor conservação, pois o produto é colocado num ambiente que tem humidade conveniente.

Quero referir, que há um processo ainda muito usado e que não tem qualquer interesse que consiste em deixar uma porção maior ou menor da parte aérea das raízes que é utilizada para atar as raízes em molhos duma maneira geral com 10 a 12 unidades.

Obtenção da semente: Quando se pretende obter semente as plantas tem de ficar ao compasso de 30x50 cm e as diversas variedades não podem ocupar talhões, que não estejam distanciados de pelo menos 800 metros, entre eles. A colheita é feita no Verão. É no 2.º ano que em condições normais se desenvolve a inflorescência e daí aparecem as sementes. Tanto a sementeira como os amanhos culturais fazem-se do mesmo modo como se se tratasse da cultura destinada a produção de raízes. O seu amadurecimento deve fazer-se no início do inverno.

Como se obtém a semente: Depois de se eliminarem as folhas desenvolvidas a partir de 1 a 2 centímetros do colo tendo o cuidado de não danificar a parte central (gema) conservam-se as raízes cobertas com terra ou com areia. No fim do Inverno escolhem-se para a reprodução as que evidenciarem as características das variedades, típicas normalmente as maiores, mais bem conformadas, sem raízes laterais e isentas de ataques parasitários. Tem de se dispensar especial atenção às dimensões pois para a mesma variedade as raízes maiores produzem mais sementes. O terreno deve ser lavrado e adubado do mesmo modo indicado para a produção de raízes para consumo.

Durante o ciclo vegetativo deve eliminar-se as más ervas e fazer-se uma amontoa antes de ter início a floração. Cada planta dá um talo ou haste floral, e na extremidade aparece a inflorescência em umbela composta.

A floração é escalonada, o mesmo acontecendo com o amadurecimento das sementes. Dado que a fecundação é entomófila os cruzamentos com outras variedades ou com cenouras espontâneas são fáceis. Por esta

(Cont. no próx. número)



MULTIPLANTA

Sociedade de Fomento Hortícola, Lda.

VIVEIRISTA

PÉPINIÉRISTE

MORANGUEIROS

ÚNICOS DETENTORES PARA PORTUGAL DAS MARCAS REGISTRADAS DAS SÉRIES DOUGLAS® E CHANDLER®

(LICENÇA ZANZI-ITÁLIA)

ACTINIDIAS (KIWIS)

OUTRAS ESPÉCIES FRUTÍCOLAS

VIVEIROS DE MORANGUEIROS DE ALTITUDE NA SERRA DA ESTRELA

PRODUTORES E EXPORTADORES

TELEF. 42197

3060 CANTANHEDE

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Adubos Químicos • Insecticidas
Sementes Hortícolas • Batata de Semente •
Importador Exportador

SEDE

A-Ver-o-Mar 681765 PÓVOA VARZIM

FILIAL

R Filipa Borges 812199..... BARCELOS

DESPORTO



PRÉMIO COMITÉ OLÍMPICO PORTUGUÊS

Brilhante troféu conquistado pela nossa tripulação de K4, cadetes em representação da selecção de Braga, em mais uma prova internacional.

CIRCUITO DE BRAGA 3/7/88

Depois de Crestuma não podemos falhar. A responsabilidade é grande. Mesmo sem o nosso K1, em estágio de selecção Nacional, chegámos, vimos e vencemos. Soma e segue... três primeiros lugares em K2 cadetes, C1 cadetes, C1 seniores e o 2.º lugar da Lúcia em K1 cadetes, asseguraram o nosso 1.º lugar por equipas na geral. Prémio: uma linda canoa de competição, que vem enriquecer o nossos património.

SELECÇÃO NACIONAL

O Belmiro Penetra lá fez as malas a caminho de Melres. O seleccionador nacional, muito em segredo, aposta no rapaz para o Europeu Junior do próximo ano!

PAGAIA ENCANTADA

FUTEBOL FEMININO

Não é engano, não senhor! Elas também querem jogar a bola com os pés e, em segredo, têm treinado todos os sábados de manhã no campo da Junqueira. Habilidade (há quem jogue no Varzim S. C.) e vontade não falta. Será necessário mais atletas e a respectiva estruturação.

CHUTEIRA (AINDA) ENVERGONHADA

ATLETISMO

Já há quem vai treinando regularmente e dentro em breve poderá ser uma realidade a nossa participação em provas regionais.

EMA CORREDORA

FUTEBOL SÉNIOR — C. F. FÃO

Ainda não se vislumbra, nos bastidores, qualquer conjunto directivo, muito menos, um líder para ser «sacrificado». Estamos em crer, que o António Carreira, depois da época brilhante que findou, não deixará, em última instância, os seus créditos por mãos alheias.

CHUTEIRA ANSIOSA

CANOAGEM

FOMOS A CRESTUMA...

Prova grande do calendário nacional, brevemente do internacional europeu.

O bom tempo, consciente de que não podia faltar, estava convidativo. Fomos a Crestuma acompanhar a nossa equipa.

Jeep emprestado por um amigo do clube, atrelado do nosso património, autocarro da C.M. mas onde só se lia Esposende... Referência ao Náutico de Fão nenhuma... Faz falta!

Alegria e entusiasmo a rodos. Por companhia, alguns atletas do Gemeses, clube vivo mas mais modesto.

Mal chegamos, apercebemo-nos que já somos alguém. abraços de amizade para com os rivais, atenções por parte dos dirigentes máximos da Federação, com referência para o Presidente que parece ter atenção especial à evolução fulgurante do clube.

Enquanto decorrem os preparativos, somos «visitados» pelo seleccionador nacional (de origem polaca, homem de relevo na canoagem europeia). Ele sabe que o nosso viveiro tem algumas estrelas com que poderá brilhar brevemente... Entrega ao Né Vieira a convocatória.

O Mirinho vai para estágio 15 dias e possivelmente fará visita a alguns dos maiores clubes da Europa. Tem de levar passaporte. Orgulho nas nossas hostes... o rapaz lá vai novamente por mérito próprio representar o nosso país. Nervosismo e expectativa nos bastidores. A responsabilidade começa

CONJECTURAS

*Se me deixo acabrunhar
Na vida pela amargura,
A seguir fico a cismar
Se vai ser um mal de dura.*

*Depois querendo-a afastar,
(Pois nela penso demais)
Procuro, então, me lembrar
Da alegria dos paraísos.*

*Não quero mais cogitar
Naquilo que só tortura:
Levar a vida a chorar
Ir depois prá sepultura?!...*

*A vida dá sempre a volta
À tristeza e à alegria:
Nelas anda sempre envolto
Da manhã ao fim do dia!*

*Já basta ter de aceitar
Esse infortúnio na altura;
Quero rir, quero cantar,
É bem que nem sempre dura!*

*Já calma a conjecturar
Chego a esta conclusão:
Vida é roleta a girar...
Quer nós queiramos quer não.*

FLORINDA DE ALMEIDA

a pesar. Quando entrarmos nas canoas é para ganhar. Os dirigentes, incansáveis, providenciam as inscrições para que nada possa comprometer o esforço dos nossos atletas, como aconteceu no passado. Agora já não nos rasteiram. Tratamos a Canoagem por tu!

Tocam os hinos da Bélgica, Polónia, Dinamarca, Grã-Bretanha, Espanha, Austrália e Portugal. A tribuna de honra repleta. Hasteam-se as bandeiras em simultâneo. Início da maratona 42 Kms. Crestuma-ponte da Arrábida-Crestuma.

O colorido das canoas, o movimento pendular das pagaia, a paisagem soberba, o público entusiasmado, estrategicamente posicionado, preenchem harmoniosamente o espectáculo. Boa viagem e até à vista daqui a 4 horas. Lá vão algumas das nossas esperanças K1 e K2 e a certeza de que, o Milo Araújo se vai bater pelo 1.º lugar em C1.

Começamos a funcionar como «motor» auxiliar que os ajudará.

Pouco depois, início do circuito em que apostámos os nossos mais jovens trunfos. Indiscutível. É altura para referir a presença da nossa claque, que não sendo a maior é sem dúvida a mais barulhenta. Sobejam razões para tal. Em disputa a taça Cidade do Porto.

Euforia com a prova do João Anunciação/Luís de Sousa que venceu em K2 cadetes.

Breve intervalo para o maior «sofrimento». A 100 m da meta, o Mirinho, campeão nacional de K1 cadetes, «arranca» e trás na peugada o «matulão» (porque é muito maior do que ele) seu eterno rival e amigo. Ansiedade até ao último metro. Euforia emocionada. O Miro vence a prova por uma unha negra. Tem estofo de campeão, dá uma volta de consagração junto ao público que não lhe regateia merecidos aplausos.

Pouco depois chega a Lúcia que corta a meta no 2.º lugar da categoria. Bem bom! O nosso K2 chega a reboque do pneumático do S.N.S. A Célia e a colega tinham caído à água... fica para a próxima. O Seminário, esperança em C1, corta airoso a meta embora não pontuasse pois foi o único inscrito na classe... Aproveitou e fez turismo.

Feitas as contas, não há dúvida o troféu é nosso! O Né não resiste, passa a vedação abeira-se da mesa dos prémios para o ver de perto. Bonito, sem dúvida!

Orgulhosamente sobem ao pódio para receber os respectivos prémios. Vibra a claque: Náutico de Fão! Náutico de Fão! e centra as atenções gerais.

Compasso de espera para a chegada dos grandes. E ei-los na curva do rio. Os primeiros são ingleses, os segundos polacos e os terceiros portugueses. Parabéns aos K2 de Águda. Chega entretanto o primeiro K1. É só o Campeão do Mundo representante da Austrália com um avanço enorme.

Vão chegando outras embarcações. Boa presença do Náutico de Fão.

Aguardamos ansiosamente o primeiro C1, mas sem qualquer dúvida, lá longe, vem o nosso Milo. O que foi determinante para a boa classificação final. Traz mais de 3 Kms sobre o segundo classificado. Óptimo. Grande prova para este, também, seleccionado nacional.

Foi em cheio 1.º lugar no circuito, 2.º lugar no conjunto Maratona/Circuito. Somos efectivamente dos maiores.

Retirámo-nos quando a noite já ia substituindo o dia com a alegria da missão cumprida.

Longa Vida

o que é bom da natureza

Investimentos turísticos, que política?

Se há temas que neste momento se encontram na crista da onda, um deles é, sem dúvida, o dos investimentos turísticos, que motivaram recentemente a saída de profusa legislação e o interesse de entidades oficiais, dos meios de comunicação social e também dos investidores.

De facto, sendo a balança turística largamente excedentária em termos de contas externas, sendo esta actividade terciária um dos principais fomentadores de entradas de divisas, mal iria ao país, se a mesma não fosse considerada uma actividade fundamental e prioritária.

O que se põe em causa, é se os caminhos anteriormente seguidos quanto ao volume, localização e tipo de investimentos, nomeadamente quanto ao sector hoteleiro, foram suficientemente rentáveis sob o ponto de vista social.

Terá sido positiva, do ponto de vista so-

cial, a concertação de investimentos efectuados no Algarve, em hotéis de quatro estrelas, com uma taxa de ocupação razoável que não cobre a época de Verão?

Ou teria sido preferível ter-se optado há 10/15 anos por uma política descentralizada a nível nacional, com a implementação de cadeias de hotéis de três estrelas, cobrindo de modo uniforme o interior do país, aproveitando as potencialidades turísticas, paisagísticas, culturais, e artesanais das nossas belas regiões?

Será que o turismo não é também uma via de conhecimento de outros povos, de outros hábitos e costumes, de outras culturas, de outras paisagens?

Parece-nos que o plano nacional de turismo vem dar algumas respostas políticas às anteriores interrogações.

Mas o que está em causa é também uma mudança de mentalidades dos investidores,

interessados talvez mais no lucro certo e rápido do que em investimentos que obviamente só trarão o reembolso dos capitais a mais longo prazo.

Neste caso as sociedades de desenvolvimento regionais, as Câmaras Municipais do interior e os investidores institucionais terão uma palavra importante a dizer, canalizando as intenções de investimentos para zonas mais degradadas, mais adequadas do ponto de vista de desenvolvimento no secundário e terciário, oferecendo condições excepcionais para a sua fixação.

Esta opção permitiria também aumentar largamente o número de turistas da chamada terceira idade, mercado que, sem dúvida, é o que apresenta maior potencial até ao final do século, e é normalmente de maior poder de compra, utilizando as épocas médias e baixas para as suas viagens.

A. NEVES FRANCISCO

I QUINZENA MUSICAL DE ESPOSENDE

Organizada pela Câmara Municipal de Esposende e com a colaboração da Secretaria do Estado da Cultura realizou-se de 25 de Junho a 10 de Julho a I Quinzena Musical de Esposende. O dia da inauguração foi precisamente o 25 de Junho com um concerto de Música Sacra pela Capela Lusitana de Lisboa, realizado na Igreja da Misericórdia. Foram intérpretes Mário Marques - contratenor; Nelson Rocha - trompete; Emídio Coutinho - sacabucha; Arlindo Santos - fagote; Gerhard Doderer - órgão e direcção musical.

No dia 2 de Julho houve recital de piano e violoncelo e no dia seguinte verificou-se novo concerto pelo Trio Tritonus [violoncelo, violino e piano] ambos na mesma igreja da Misericórdia de Esposende.

Para o dia 9 de Julho está marcada [fchamos esta edição com data anterior] a actuação no templo do Bom Jesus do Quarteto Suggia composto por 1.º e 2.º violinos, violoncelo e viola.

No dia 10 haverá actuações quer dos alunos quer dos professores da Escola de Música de Esposende.

Achamos simpática a ideia de se escolher o templo do Bom Jesus de Fão, de óptimas condições acústicas, para a realização de um dos números da Quinzena Musical.

Sugerimos ainda que em Fão se abra uma espécie de delegação da Escola Musical de Esposende. Chamem-lhe delegação ou coisa parecida. Actualmente encontra-se disponível o Mário Ferreira Belo e ele poderia dar umas lições de guitarra à rapaziada da terra.

Fão foi sempre berço de artistas, nomeadamente de guitarras e violões. Estamos a lembrar o Xico Glória, o seu primo Né e ainda o Ernestino que foi o irmão do Né. Dessa geração resta o Mário. O Carvalho, mais novo também lhe dá um jeito. Depois deles não vemos mais ninguém.

Parece-nos então que a ideia de proporcionar condições ao Mário Belo para ensaiar a moçada de Fão a dedilhar a guitarra é mais que necessária. Fão não pode deixar morrer um dos seus hábitos mais típicos. As serenatas. Quem não se lembra do Diamantino?

À atenção da nossa Junta.

A ESCOLA ACTIVA

Não há educação no vazio, esta tem de estar enraizada numa sociedade humana.

Precisamente, o sub-desenvolvimento do terceiro mundo, leva-me a pôr em evidência a «educação das massas», problema básico para a evolução de um povo.

Como comentou W. James, há três quartos de século, «o hábito é o volante da sociedade», mas hoje não podemos afirmar que o impulso inovador é o seu acelerador.

Há pois que fazer uma opção: ou aceitarmos uma educação para a domesticação, para a «alienação», para o homem objecto, servindo certos interesses políticos, ou escolhamos uma educação para a liberdade, para o homem sujeito como «pessoa» como ser humano, capaz de assumir-se como ser responsável e autónomo.

Se a educação deve ser uma «força de mudança e de libertação» como afirma Paulo Freire, urge que haja uma *consciencialização das massas*, através de uma auto e hetero-reflexão que levará o homem a inserir-se na História, não como mero espectador mas como autor decisivo no devir histórico.

Nesta óptica, a visão da nossa educação em termos de «hoje» tem de se equacionar num plano diferente do passado.

Enquanto a educação clássica se situa num mundo estático, equilibrado, harmónico cuja educação era definida, virada para um humanismo pedagógico; a educação de «hoje» tem de basear-se numa visão planetária do mundo actual que abre perspectivas infinitas, em que o homem deve actuar sobre o Universo e a educação projectar-se num mundo em permanente e contínua evolução.

Ora, para corresponder às exigências do mundo planetário de hoje, uma educação que se pretende que seja do nosso tempo, nun-

ca deve aceitar a modernidade sem criticidade, senão a educação cairá num entusiasmo fácil que destruirá os próprios fundamentos sociais e democráticos do «espírito do nosso tempo».

Há pois que considerar dois perigos que ameaçam a modernidade do nosso tempo: o «futurismo da educação libertária», por um lado e o «modernismo da educação nova», por outro.

Ora, em países em vias de desenvolvimento, não bastam que as escolas sejam mais dinâmicas, mas que a educação como sistema complexo preencha o seu papel de mediador de inovações dentro da sociedade inteira.

Um elemento positivo, a considerar, será a difusão das inovações a toda a população. Logo, as escolas devem ser centros dinâmicos mais activos, através de uma estratégia nacional de informações que chegue a todos. Portanto, «ser moderno» será introduzir na continuidade planificada da nossa acção educativa possibilidades de continuidade sempre imprevisível. Com efeito, uma reforma não pode nem deve ser encarada nem num sentido futurista de uma mudança radical nem como mera modernização, mas como uma «ocasião de repensar o trabalho que foi feito».

Lutemos contra a inércia, lutemos contra o deixarmos ir», como diz o poeta, trabalhemos para criar uma nova filosofia da educação, mas sempre renovável, conforme os tempos, a fim de prepararmos a «tal mudança» de que nos fala Paulo Freire, e que nós, educadores, como veículos responsáveis que somos, desejamos que se torne numa realidade actuante.

MARIA ÂNGELA SOEIRO

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO